

A poesia acadêmica no Brasil: o caso Rocha Pita

Nilton de Paiva Pinto

Universidade Federal de Minas Gerais

A criação da Academia Brasílica dos Esquecidos, na cidade da Bahia, Estado do Brasil, no ano de 1724, foi resultado de uma carta do rei D. João V ao vice-rei do Brasil, Vasco Fernandes César de Meneses, em que ordenava a investigação, junto à igreja do Brasil e aos sacerdotes em geral, assim como junto às autoridades civis, de tudo que fosse possível recuperar sobre a história eclesiástica e secular do Brasil, em conformidade com os trabalhos que vinham sendo desenvolvidos na Academia Real da História Portuguesa. O objetivo principal da Academia Brasílica dos Esquecidos era, portanto, o estudo da História do Brasil, dividida em quatro partes: natural, militar, eclesiástica e política.

A primeira notícia que temos acerca da Academia Brasílica dos Esquecidos nos foi dada pelo poeta e historiador Sebastião da Rocha Pita – ele próprio um acadêmico esquecido –, em sua *História da América Portuguesa, desde o ano de 1500 de seu descobrimento até o de 1724*, publicada em Portugal no ano de 1730:

Não permitiu o vice-rei que faltasse no Brasil esta pedra-de-toque ao inestimável oiro dos seus talentos, de mais quilates que o das suas minas. Erigiu uma doutíssima Academia, que se faz em Palácio na sua presença.¹

Recebeu as glórias de fundador e protetor da Academia Brasílica dos Esquecidos o então vice-rei do Brasil, Vasco Fernandes César de Meneses.

¹ PITA, 1970, p. 492.

Para dar início às atividades e trazer à luz daqueles dias os talentos que até então viviam desconhecidos, convidou ele sete pessoas que se tornariam os acadêmicos principais: Pe. Gonçalo Soares da Franca, os desembargadores Caetano de Brito Figueiredo, Luís de Siqueira da Gama, o Dr. Inácio Barbosa Machado, o Coronel Sebastião da Rocha Pita, o Capitão João de Brito e Lima e José da Cunha Cardoso. Além do objetivo principal da academia, que consistia em organizar as informações acerca da história da colônia, conforme citado acima, ficou também acertado que em todas sessões seriam dados dois argumentos ou assuntos, um heróico e outro lírico, com o objetivo de estimular a produção poética entre os acadêmicos.

Da Academia Brasília dos Esquecidos, cuja primeira conferência ocorreu no dia 23 de abril de 1724, existem registros de dezoito reuniões, sendo a última realizada em 4 de fevereiro de 1725.

Dessas dezoito sessões, Rocha Pita fez-se presente em todas, sempre participando ativamente dos trabalhos empreendidos. Ele foi o presidente da segunda conferência, datada de 07 de maio de 1724. Nesta sessão, proferiu o discurso de abertura intitulado *Oração do Acadêmico Vago Sebastião da Rocha Pita Presidindo na Academia Brasília*. Além dessa Oração, durante o ano de existência da Academia, compôs cinquenta e seis sonetos, cinco romances, quatro poemas em décimas (num total de dezesseis décimas), um poema em tercetos (terza rima) e uma endecha (dezesseis estâncias). Observa-se que, nesse conjunto de poemas, há uma predominância da forma soneto.

Os sonetos escritos por Rocha Pita seguiam as regras do modelo italiano, ou seja, consistiam num conjunto de quatorze versos distribuídos em duas quadras e dois tercetos. Em todos os sonetos do poeta, as duas quadras apresentam o esquema de rimas abba / abba, e os dois tercetos o esquema de rimas cdc / dcd. O verso utilizado nos sonetos, conforme prescrito para essa forma poética, é o hendecassílabo. Esse verso é hoje conhecido como decassílabo, em consequência das alterações que ocorreram no sistema de contagem silábica do verso de língua portuguesa.

A poesia de Rocha Pita, produzida no âmbito acadêmico, considerada pelos críticos literários como “medíocre”, “artificial”, “sem originalidade”

etc., não tinha por finalidade a clareza, a facilidade nem a originalidade. O público previsto para ela era constituído pelos acadêmicos, destinatários que se podem considerar discretos, isto é, capazes de “ajuizar a aptidão técnica da forma poética, valorizando o artifício aplicado.”² O público mais amplo, constituído por pessoas menos educadas – destinatários vulgares –, desconhece os preceitos técnicos da arte e não está previsto como receptor da poesia acadêmica.

A poesia acadêmica tinha como objetivo, muitas vezes, enaltecer os homens ilustres das ordens dirigentes e se destinava a um público que compartilhava dos mesmos conhecimentos do poeta – tanto dos conhecimentos gramaticais e retóricos como dos conteúdos ocasionais propostos para matéria dos poemas. Levando-se em conta a situação acadêmica, pode-se distinguir na produção poética de Rocha Pita, na Academia Brasílica três aspectos circunstanciais: o primeiro se caracteriza pelo fato de a própria circunstância acadêmica – inauguração da academia, saudação do vice-rei, homenagem ao secretário etc. – ser o assunto escolhido para o certame; o segundo está associado a uma circunstância de interlocução entre os próprios acadêmicos, ou seja, consiste na saudação que um acadêmico faz ao outro, em forma de poesia; e o terceiro se caracteriza pela aceitação tácita dos assuntos de natureza lírica ou heróica, que eram dados para as composições poéticas.

Vale acrescentar que, mesmo numa situação como essa, em que a motivação poética era determinada circunstancialmente, os temas eram muito conhecidos dos poetas acadêmicos, e não exigia deles qualquer grau de originalidade. A poesia acadêmica, como as de outras circunstâncias daqueles tempos, era “feita de técnicas retóricas anônimas e coletivizadas que prescrevem a emulação de modelos de autoridades que adapta as referências institucionais e informais do lugar a interesses específicos.”³

A poesia praticada por Sebastião da Rocha Pita na Academia Brasílica dos Esquecidos pode ser caracterizada como poesia de circunstância. O

² HANSEN, 2001, p. 35.

³ HANSEN, 2001, p. 45.

termo “poesia de circunstância” é suscetível de diversas significações: a expressão pode assumir acepções diversas, até mesmo a de que toda poesia é de circunstância.⁴ Cabe-nos tentar compreender como a expressão “poesia de circunstância” poderia ser aplicada a uma determinada época ou a um tipo de produção literária, que se caracteriza pelo engajamento no espírito acadêmico, sem nos apegarmos a definições muito amplas – correndo, com isso, o risco de avaliar da mesma maneira, segundo os mesmos critérios, a poesia concebida, a partir de um dado acontecimento ou uma dada situação, e a poesia livre da determinação ocasional, a poesia pensada como criação espontânea do poeta.

Predrag Matvejevitch, em seu livro *Pour une poétique de l'événement: la poésie de circonstance*, apesar de afirmar que é difícil encontrar uma definição satisfatória para o termo “poesia de circunstância”,⁵ define três categorias, na tentativa de caracterizar de forma mais objetiva algumas manifestações poéticas, que são geralmente reconhecidas como de circunstância. A primeira categoria é constituída pela poesia associada a uma cerimônia ou a um acontecimento; a segunda consiste na poesia conhecida como engajada, que se relaciona a acontecimentos sociopolíticos ou históricos; a terceira compreende a poesia vinculada a acontecimentos da vida privada ou subjetiva. Matvejevitch reconhece que essas categorias não são suficientes para classificar toda a poesia denominada “de circunstância”, mas acredita que elas podem nos ajudar a distinguir melhor a significação do termo, quando aplicado a uma determinada produção poética.⁶

No próprio título da obra de Matvejevitch, o termo “circunstância” está associado a outro, “o acontecimento” – o que nos ajuda a pensar: no caso de Sebastião da Rocha Pita, as sessões acadêmicas eram os “acontecimentos”, sem os quais não haveria a poesia. Das três categorias criadas por Predrag Matvejevitch, a primeira é a que melhor se aplica à poesia de Rocha Pita,

⁴ Cf. BANDEIRA, 1984, p. 128.

⁵ MATVEJEVITCH, 1979, p. 65.

⁶ MATVEJEVITCH, 1979, p. 175-176.

composta para a circunstância das conferências da Academia Brasílica dos Esquecidos. Nessa perspectiva – da poesia associada a uma cerimônia ou acontecimento – Matvejevitch diz que “a característica mais comum da poesia de circunstância é indicada notadamente por uma ocasião dada”⁷, ou seja, a poesia é pensada a partir de um acontecimento previsto, em que a motivação poética é determinada por algo exterior à vontade do poeta. Nesse caso, é a ocasião que determina o tema de cada poema. O acontecimento é o motivo maior para o exercício da prática poética. É justamente dentro desse espírito que se trabalhava na Academia Brasílica. A ocasião das conferências acadêmicas era a causa determinante dos certames literários.

A poesia escrita por Sebastião da Rocha Pita na Academia Brasílica dos Esquecidos é fruto direto de sua situação, ou seja, das reuniões realizadas quinzenalmente pela agremiação. Na Academia é a circunstância que comanda a poesia. Dessa forma, é natural que a poesia praticada nessa circunstância sofra as conseqüências ou limitações determinadas pelo contexto, diferentemente da poesia concebida em situação de liberdade para a escolha dos assuntos e das formas poéticas a serem empregadas. O conceito de poesia de circunstância aplicado à produção literária da Academia Brasílica dos Esquecidos, principalmente, à poesia de Rocha Pita, associa-se à idéia de o acontecimento, a situação ou a ocasião ser o fator determinante para o exercício da criação poética.

Por fim, Predrag Matvejevitch afirma que uma das características mais típicas da poesia de circunstância é que “ela visa, na maior parte dos casos, a um público bem determinado, com o qual o poeta estabelece um contato imediato.”⁸ Essa era também uma das características fundamentais da prática poética no âmbito acadêmico, pois aí os poetas compunham seus versos para um público conhecido, discreto, capaz de entender agudezas e conceitos próprios da arte poética que praticavam.

⁷ MATVEJEVITCH, 1979, p. 80.

⁸ MATVEJEVITCH, 1979, p. 192.

É preciso ter tudo isso em mente para uma aproximação minimamente adequada da poesia praticada na Academia Brasílica dos Esquecidos, na primeira metade do século XVIII no Estado do Brasil.

Uma vez apresentada, mesmo que de maneira breve, a Academia Brasílica dos Esquecidos, nos deteremos, a partir de agora, no estudo da poesia produzida no âmbito acadêmico. Para isto, elegeu-se um poema escrito por Sebastião da Rocha Pita, na primeira sessão acadêmica, em homenagem ao vice-rei do Brasil e protetor da academia, Vasco Fernandes César de Menezes. No poema, o vice-rei não é abordado diretamente, embora estivesse presente à sessão, pois as reuniões se faziam “em palácio na sua presença” – os versos falam dele em terceira pessoa:

Em louvor do Excelentíssimo Senhor Vasco
Fernandes César de Menezes, Vice-Rei,
e Capitão geral de Mar, e Terra deste
Estado, Instituidor, e Protetor da nossa
Academia Brasílica, que se faz em
Palácio na sua presença.

Soneto

Ao César Português brando, e severo
que irmanando o valor com a prudência
sabe ser absoluto, e ter clemência,
ser Alcides valente, sem ser fero,

Não César, mas Deidade o considero
formando uma Palestra da ciência,
que há de ser vida ilustre da eloquência,
alento de Platão, Alma de Homero.

Dos Alunos desta Aula tão ciente
não é Minerva o Nume que os comove
quando tem este Júpiter presente.

Só esta causa superior os move
pois se Minerva os produziu da mente
ela nasceu do Cérebro de Jove.

A rubrica inicial desse soneto evidencia determinados procedimentos que são de grande importância para a compreensão da poesia produzida no âmbito da Academia Brasílica dos Esquecidos: a situação e a posição áulicas dos poetas. Não podemos esquecer que a prática da poesia na primeira metade do século XVIII, no Estado do Brasil, localizava-se no centro do poder e “incluía-se naturalmente na concepção corporativa da monarquia absolutista”.⁹ O soneto em homenagem ao vice-rei, que integra o decoro próprio das ocasiões acadêmicas solenes, reflete muito bem esse estado de coisas.

O vice-rei Vasco Fernandes César de Meneses é “capitão geral de mar e terra deste Estado”, ou seja, um cidadão que está acima de qualquer outro na cadeia hierárquica da burocracia colonial; além disso, ele é o “instituidor e protetor” da “Academia Brasílica” –, o que revela ser a agremiação Brasílica extensão da corte. Além de ter sido fruto direto de um projeto do poder monárquico, suas conferências eram realizadas no palácio do vice-rei e em sua presença. Não havia, propriamente, distinção entre o Estado e as atividades acadêmicas: a poesia era feita à sombra do poder. Pode-se prever que, num tipo de representação dessa natureza, esteja implícito no modo de abordar os assuntos poéticos a formalidade das posições hierárquicas da sociedade setecentista.

Na colônia o vice-rei representava a cabeça do império, e o restante da população, numa certa distribuição hierárquica, no interior da qual se situavam os acadêmicos que compunham a instituição dos Esquecidos, representava a totalidade do corpo social do Estado. Toda a hierarquia, segundo as leis do tempo, devia zelar pelo bem comum.¹⁰ Não se pode esquecer que a poesia dessa época “reproduzia aquilo que cada membro do corpo místico do Império *já era*, prescrevendo, simultaneamente, que ele *devia ser*, ou seja, persuadindo-o a *permanecer como o que já era*”.¹¹ De acordo com Marcello Moreira,

⁹ HANSEN, 2002, p. 27.

¹⁰ Cf. HANSEN, 2002, p. 27-28.

¹¹ HANSEN, 2002, p. 29.

A teologia política, nos séculos XVII e XVIII, retomava o *topos* medieval do *corpus mysticum* que, em sua formulação teológica e legal, articulava-se nas representações da igreja e da sociedade cristã como corpo místico cuja cabeça é Cristo. Assim como Cristo é a cabeça do corpo místico, assim o Rei é a cabeça da República cujos membros são todos os seus vassalos.¹²

No caso específico desse soneto, em louvor do vice-rei, toda a hierarquia do poder se revela, pois ao elogiá-lo, “o poeta procura incluir-se como membro hipotético do conselho de sua majestade, cuja razão requer a prudência do apoio para que a cabeça coordene com equidade os membros do corpo místico do Estado”.¹³

O soneto é encomiástico; os quartetos compõem uma unidade sintática em que o poeta, com jogos de palavras e com metáforas que pertencem a campos semânticos congruentes, cria uma série de comparações para exaltar o vice-rei. O próprio nome do vice-rei é empregado metaforicamente, e em dois sentidos – ao referir-se a ele como “César Português”, o poeta lança mão do nome próprio e o torna metáfora hiperbólica da posição hierárquica do administrador da colônia (soberano local). No segundo e terceiro versos da primeira estrofe, o poeta emprega o artifício de aproximar idéias potencialmente opostas, para desenhar o perfil equilibrado da mais alta autoridade: “irmanando o valor com a prudência / sabe ser absoluto, e ter clemência”. Ao dizer, no quarto verso, que o vice-rei sabe “ser Alcides valente, sem ser fero”, o poeta inicia um movimento interno no poema, que resultará no deslocamento do vice-rei, de sua condição de mortal para a condição de imortal, pois “Alcides” é o nome latino de Hércules, filho de Zeus e de Alcmena. Assim, a posição da autoridade se equipara à de um semideus.¹⁴

Na segunda estrofe, ao dizer que “Não César, mas Deidade o considero”, o poeta retoma e amplifica a idéia sugerida na primeira: de “César

¹² MOREIRA, 2001, p. 407-408.

¹³ TEIXEIRA, 2005, p. 65.

¹⁴ Cf. KURY, 1990, p. 180-192.

Português”, que sabe ser Alcides (semideus), alça-se a figura do vice-rei à condição de divindade. É nessa condição que, segundo o poeta, ele patrocinava uma “Palestra da ciência”, a Academia – dedicada ao saber e à poesia: “alento de Platão, Alma de Homero”.

Nos tercetos, o poema volta-se para os acadêmicos, “Alunos desta Aula tão ciente”; o vice-rei passa, então, à condição de “Nume que os comove”, ou seja, divindade que lhes ilumina os engenhos. As duas estrofes apresentam unidade de pensamento, e o artifício da comparação de César com divindades permanece até o fim.

A idéia de fazer do vice-rei uma divindade, o que seria uma blasfêmia se a divindade pensada fosse o Deus cristão – e, nesse caso, o poema incorreria em falta de decoro –, transfere-se para o âmbito da mitologia clássica: César agora é Júpiter, Jove. Entretanto, a divindade mais justamente adequada a uma academia seria Minerva, deusa da sabedoria, das artes e das ciências. Mas, como essa deusa, que produz os sábios, nasceu do cérebro de Júpiter, em presença do próprio Júpiter – “quando tem este Júpiter presente” (o “César Português”) – ela lhe cede o lugar.

O que pode parecer exagero ou afetação na elocução do poeta – “César Português”, “Alcides valente”, “Júpiter presente” – não passa de adequação e proporcionalidade naturais e decorosas ao objeto de louvor. Isso é próprio do gênero encomiástico; e o vice-rei era, como aqui já se assinalou, na estrutura hierárquica da colônia portuguesa, o homem mais importante. Além disso, esse poema apresenta e desenvolve a tópica da construção da eternidade por meio das letras, a qual foi muito utilizada nesse gênero poético durante os séculos XVII e início do XVIII.¹⁵

É de se notar que entre os poemas escritos por Rocha Pita na primeira conferência da Academia Brasílica, dirigidos a pessoas presentes, somente este, em louvor do vice-rei, põe a pessoa homenageada em condição de possuir dupla natureza, pois Vasco Fernandes César de Meneses, de acordo com as palavras do poeta, é humano e divino ao mesmo tempo. Essa característica o diferencia dos demais – que, apesar de possuírem qualidades

¹⁵ Cf. TEIXEIRA, 2005, p.65.

excepcionais, não possuem dupla natureza; são apenas homens – e o coloca numa posição superior a todos. Pode-se deduzir que a intenção de agregar características divinas e humanas, na pessoa daquele que é louvado, seja feita com o intuito de associar a figura do vice-rei com a de Cristo, pois este é humano e divino ao mesmo tempo. E se ele (Cristo) representa, segundo a teologia política da época, a cabeça do corpo místico do Império, por uma questão de analogia, o vice-rei representaria a cabeça do corpo do reino, na colônia.

Essa produção poética, praticada por Sebastião da Rocha Pita e por seus colegas acadêmicos, sob regras e prescrições retóricas, sempre foi avaliada pelos críticos e historiadores de literatura como sem inspiração, sem espontaneidade e inútil. De fato essa poesia não possuía espontaneidade e nem era feita a partir de grandes momentos de inspiração dos poetas, pois, na academia, os temas eram dados e os acadêmicos apenas exercitavam a difícil tarefa de compor versos sobre um assunto que lhes era proposto. Quanto a validade dessa produção poética que sempre fora vista como algo inútil, é preciso não se esquecer que cada época conta com os seus valores e com regras próprias do tempo. Isso não foi diferente na primeira metade do século XVIII, no Estado do Brasil, em que a literatura, como hoje conhecemos, “não era a arte dos escritores, era o saber dos letrados, aquilo que lhes permitia apreciar as belas letras”.¹⁶ Isso demonstra que a poesia praticada pelos acadêmicos Esquecidos estava inserida num contexto em que as regras eram muito diferentes das do nosso tempo e que um poeta ao compor um poema era condicionado por um conjunto de normas que o permitia, de antemão, saber quais efeitos deviam ou não ser produzidos em seus textos.

¹⁶ RANCIÈRE, 1995, p. 25.

Referências bibliográficas

- BANDEIRA, Manuel. *Noções de história das literaturas*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960. 5. ed. 2v.
- HANSEN, João Adolfo. Barroco, neobarroco e outras ruínas. *Teresa, Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, USP, n. 2, p.10-66, 2001.
- HANSEN, João Adolfo. Fênix Renascida & Postilhão de Apolo: uma introdução. In: PÉCORA, Alcir. (Org.) *Poesia seiscentista*. São Paulo: Hedra, 2002. p.19-71.
- KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- MATVEJEVITCH, Predrag. *Pour une poétique de l'événement: la poésie de circonstance suivi de L'engagement et l'événement*. s.l. [France]: Union Générale d'Éditions, 1979.
- MOREIRA, Marcello. *Crítica textualis in caelum revocata? Prolegômenos para uma edição crítica do corpus colonial seiscentista e setecentista atribuído a Gregório de Matos Guerra*. 2V. Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2001.
- PITA, Sebastião da Rocha. *História da América Portuguesa*. Rio de Janeiro: Jackson, 1970.
- RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Rio de Janeiro: editora 34, 1985.
- TEIXEIRA, Ivan. A poesia aguda do engenhoso fidalgo Manuel Botelho de Oliveira. In: OLIVEIRA, Manuel Botelho. *Música do Parnaso*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005. [Edição fac-similar.]

Resumo

Em meio à agitação que tomou conta da vida na colônia portuguesa na América, na primeira metade do século XVIII, com a decadência da produção açucareira, com a descoberta do ouro e com o deslocamento do centro econômico das capitanias do Nordeste para a região das minas, surgiu na cidade da Bahia, no ano de 1724, a primeira associação de homens letrados do Estado do Brasil: A Academia Brasílica dos Esquecidos. O objetivo principal dessa Academia era o estudo da História do Brasil, dividida em quatro

partes: natural, militar, eclesiástica e política. Entretanto, havia também, no âmbito acadêmico, um espaço dedicado aos torneios literários. A agremiação brasílica teve duração de onze meses, de 23 de abril de 1724 a 04 de fevereiro de 1725. Durante esse período os acadêmicos se reuniam, quinzenalmente, para a apresentação dos trabalhos de história e para a composição de versos. Das atividades acadêmicas ficaram para a posteridade diversos textos em prosa e importante soma de produções poéticas, que caracterizam bem os modos discursivos daquela época. Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir a produção poética realizada na Academia Brasílica dos Esquecidos a partir dos textos escritos por Sebastião da Rocha Pita que, além de poeta e historiador, foi um dos sócios fundadores da agremiação.

Resumé

Au milieu de l'agitation qui régnait dans la colonie portugaise d'Amérique, dans la première moitié du XVIII^e siècle, avec la baisse de la production de sucre, la découverte d'or et le déplacement du centre économique des capitaineries du Nord-Est vers la région des mines, la première association d'hommes lettrés de l'État du Brésil a été créée dans la ville de Bahia, en 1724: A Academia Brasílica dos Esquecidos. Le principal but de cette Académie était l'étude de l'Histoire du Brésil, divisée en quatre parties: naturelle, militaire, ecclésiastique et politique. Il y avait aussi dans l'ambiance académique, un moment dédié aux tournois littéraires. L'assemblée brésilienne a duré onze mois, du 23 février 1724 au 4 février 1725. Pendant cette période les académiciens se réunissaient, tous les quinze jours, pour la présentation des travaux d'histoire et pour la composition des vers. Des activités académiques, des divers textes en prose et une importante production poétique sont restés à la postérité, qui caractérisent les moeurs discursifs de cette époque. Cet article a pour but de présenter et de discuter la production poétique faite dans l'Academia Brasílica dos Esquecidos à partir des textes écrits par Sebastião da Rocha Pita qui en plus d'avoir été un poète et un historien, a été un des associés fondateurs de cette association.